

“A CASA DE MEUS AVÓS”: INFÂNCIA E “INICIAÇÃO” LITERÁRIA DE ANTÔNIO HENRQUES NETO

NASCIMENTO, Paulo de Oliveira

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os Estudos Culturais, nos dias atuais, constituem-se como uma verdadeira panaceia, com os mais variados temas e abordagens. São muitas as disciplinas que buscam dar conta de questões diversas, envolvendo objetos os mais variados. Exemplo significativo é a atenção especial que a Ciência Histórica tem dado à Literatura, tomando-a não apenas como uma narrativa, um discurso sobre o mundo, mas também como um documento importante para se compreender as representações de uma determinada época.

Dentro deste contexto, empreendemos um trabalho sobre a obra literária do poeta picuiense Antônio Henriques Neto, a fim de percebermos a construção de representações da Cultura Popular Sertaneja (NASCIMENTO, 2014). Todavia, num conjunto de poemas onde há a predominância de versos sobre o “Sertão” e o “Sertanejo”, alguns poemas são significativos acerca da infância do seu autor, revelando uma relação próxima deste sujeito com o seu avô, o velho Antônio Henriques, visto como aquele que fez a iniciação poética e literária do menino Antônio Henriques Neto.

Se empreendemos um olhar macroscópico para a poesia henriqueana e percebemos como uma tentativa de representar o “popular”, o “matuto” - em cujos versos estão um Sertão de natureza exuberante e um Sertanejo rude, forte e honrado - um olhar em escala microscópica atenta para versos sobre a infância do poeta, ponderando a relação entre o texto poético e o contexto da infância de Antônio Henriques Neto. Este trabalho, portanto, resulta de uma tentativa de percepção das marcas que o ambiente familiar da “casa dos avós” imprimiu na obra henriqueana.

HISTÓRIA, LITERATURA E AS REPRESENTAÇÕES DO REAL

Falar das relações possíveis entre a História e a Literatura assemelhasse cada vez mais à repetição de uma velha canção tradicional, cujo conteúdo é do conhecimento de todos (ou

pelo menos dos historiadores da cultura que tomam a Literatura como objeto), mas que carece ser novamente lembrado, a fim de que sejam legitimadas as palavras e as coisas que o sucederão.

Os textos sobre História e Literatura são pautados basicamente em dois pontos: a Literatura como documento e a História como narrativa. Nestes termos, “a redefinição que vemos na contemporaneidade tanto privilegia a apropriação da Literatura com a História quanto coloca as duas disciplinas tão próximas que elas chegam a se confundir” (BRITTO; ARANHA, 2013, p. 258). Tomando emprestado uma expressão de Albuquerque Júnior (2011, p. 105), esta nos parece cada vez mais uma “discussão bizantina”.

Se – no seio das discussões sobre a “relação incestuosa” entre História e Literatura (REIS, 2010, p. 64) - muitos se debruçam sobre a narratividade da História, a fim de dizer se ela é ou não uma ciência, este não é nosso interesse neste momento. Aqui, estamos abordando a Literatura como um documento sobre o passado, assim como outros que podem nos informar sobre um tempo que não é mais o nosso, que nos escapa e que não cessa de nos chegar fragmentado, em vestígios.

Aqui, “o historiador não pode se resignar diante de lacunas na informação e deve procurar preenchê-las. Para isto, usará os documentos não só de arquivos, mas também um poema, um quadro, um drama, estatísticas, materiais arqueológicos” (REIS, 2010, p. 97). A partir daí, o historiador deverá “vencer o esquecimento, preencher os silêncios, recuperar as palavras e a expressão vencida pelo tempo” e fará isso lançando mão de fontes que deverão ir além de nomes, documentos oficiais e datas.

Sobre esta questão, Pesavento afirma que as aproximações e os distanciamentos entre a História e a Literatura vão marcar a atuação dos historiadores que se prestam ao diálogo com esta Literatura (a “discussão bizantina”). Neste sentido, Clío e Calíope participam da criação do mundo e quando se prestam a narrar sobre o real, estas trazem à baila o debate entre verdade e ficção. Para esta autora, o discurso historiográfico usa estratégias retóricas, “estetizando em narrativa os fatos dos quais se propõe falar” (PESAVENTO, 2008, p. 81) e se prestando a uma reconstrução do passado através da linguagem, produzindo, assim, uma verossimilhança com aquele passado.

A História, aqui, vai ser chamada de “ficção controlada”, notadamente por sua relação intrínseca com o método, um “saber-fazer”. É através do método que o historiador vai transformar os vestígios do passado em fontes, em documentos, e vai fazer estes vestígios falarem. Também é o discurso historiográfico uma “ficção controlada” na medida em que se presta a uma testagem, a uma comprovação, onde é possível a constatação do dito se o leitor

refazer o caminho percorrido pelo historiador que produziu tal discurso. O extra-texto, aquilo que revela a erudição, o conhecimento do historiador, a sua capacidade de relacionar o seu objeto com toda a produção que o antecedeu, o dito e o contradito a respeito de tal objeto também vai marcar a História enquanto “ficção controlada”.

Se entendemos a História e a Literatura como diferentes formas de dizer o mundo e não perdemos de vista que ambas se aproximam distintamente do real, e tomamos esta Literatura como fonte, o fazemos porque ela nos permite acessar “à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário” (PESAVENTO, 2008, p. 82). Tomada como “fonte de si mesma”, a Literatura conta ao pesquisador o tempo da sua escrita, “tomada a partir do autor e sua época, o que dá pistas sobre a escolha do tema e de seu enredo, tal como o horizonte de expectativas de uma época” (Idem, p. 83).

Quando nos propomos a tomar a Literatura como um documento para a História, somos remetidos ao conceito de Representação. Se a História, a partir da segunda metade do século XX, entra em crise – assim como todas as outras ciências sociais – e ver-se obrigada a anexar novos territórios, notadamente aqueles da linguística, da sociologia e da psicologia, o que permite a historiadores como Roger Chartier a renunciar à “tirania do social” – superando a dicotomia de classes - e voltar-se para os códigos sociais, numa “história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem” (CHARTIER, 2002, p. 68).

Propondo, pois, uma superação da divisão entre a objetividade das estruturas (aquela objetividade que busca uma história mais segura, marcada pela documentação maciça, serial e quantificável e pela “reconstrução” das sociedades) e a subjetividade das representações (marcada por uma história dos discursos, distante do real), Chartier propõe uma história que considere os esquemas geradores de classificação e de recepção, caracterizado por instituições sociais que criam representações coletivas, considerando as divisões da organização social e as matrizes de práticas que constroem o próprio mundo social (Idem, p. 72).

As representações do mundo social “são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam, enquanto que os interesses estão ligados aos “esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p. 17). Quando fala em representação, Roger Chartier o faz pensando-a não como uma cópia fiel do real, o que o faz

fugir da noção clássica de representação. Também não o faz pensando-a como algo totalmente descolado de um referente, como fazem os nominalistas, mas entende a representação como algo que remete a uma realidade, podendo corresponder ou não com tal realidade, na medida em que se insere num jogo de forças historicamente situado (RIBEIRO JÚNIOR, 2005, s/p).

Trata-se, pois, de um olhar para as condições nas quais as representações foram/são produzidas, as negociações e os constrangimentos que sofrem e os efeitos de sentido que as permeiam. É nestes termos, pois, que tomamos a Literatura como uma representação da realidade de uma determinada época, passível de ser percebida como um vestígio do passado.

Assim, o estudo da Literatura – para nós – contempla tanto o texto (a representação) quanto o contexto. Quando dizemos “contexto”, nos referimos àquilo que dá vida ao texto, sejam tanto o autor quanto o contexto no qual este está inserido, a fim de que sejam percebidas as forças, as negociações, os anseios de todos aqueles que direta ou indiretamente estão envolvidos na compilação textual.

Nisto, a poesia henriqueana é tomada como uma representação de sua infância, compilada a partir do acesso do poeta às lembranças daqueles tempos idos, onde vivia nos “Sertões”, crescendo em meio à natureza sertaneja, contactando com as plantas, os animais e o próprio homem sertanejo. São estas as impressões colhidas das representações poéticas da infância henriqueana, às quais nos dedicamos.

OS DOIS ANTÔNIOS, AS LETRAS, O CORDEL E O SERTÃO: Encontros

Nascido em 1923, na região da pequena cidade de Frei Martinho, localizada na divisa da Paraíba com o Rio Grande do Norte, Antônio Henriques Neto é um homem que se presta a escrever sobre aquilo que poderíamos chamar de “coisas do Sertão”.

Herdeiro da tradição oral que permeia grande parte da produção literária no “Norte”/“Nordeste” desde o final do século XIX, Antônio Henriques Neto teria sido iniciado no mundo das letras (uma das grandes questões que permeia a sua obra) por intermédio de seu avô, o velho Antônio Henriques, um homem que por sua vez “era inteligente e tinha uma facilidade de decorar as coisas” (HENRIQUES NETO apud NASCIMENTO, 2014, p. 10).

Do avô, Antônio Henriques Neto não recebeu apenas o nome como legado, mas também a alfabetização, o seu primeiro encontro com as letras, no contexto de um Nordeste marcado pelo analfabetismo, na primeira metade do século XX. Sobre o analfabetismo e a relação deste com a vida no “Sertão”, Antônio Henriques Neto afirma o seguinte:

(...) eu, infelizmente na minha infância, não tive o primário. Filho de agricultores pobre que não puderam nos dar uma cultura mais acentuada, mas sempre tive o espírito voltado para o estudo (...) Então com essa força de vontade e a ajuda de Deus, eu hoje tenho condições, graças a Deus, de conjugar um verbo no nos seus tempos, modos, números e pessoas (...). (HENRIQUES NETO *apud* NASCIMENTO, 2014, p. 11).

Neste trecho da entrevista a nós concedida, o poeta não referencia diretamente a figura do seu avô na sua alfabetização. Aqui, temos a atribuição das capacidades cognitivas de criação poética a um dom divino, uma característica também encontrada em outros “poetas populares” tal como Patativa do Assaré (LIMA, 2003, 44). Todavia, parece-nos que foi o “velho” Antônio Henriques quem auspiciou o encontro do “jovem” Antônio Henriques – que “devia ter uns doze/dezoito [anos] por ai assim (...)” (HENRIQUES NETO *apud* NASCIMENTO, 2014, p. 11) – tanto com a cultura escrita, na medida que o alfabetizou, quanto com a tradição oral.

Sobre a relação do poeta com esta tradição oral da literatura de folhetos, Antônio Henriques Neto diz: “(...) a poesia é um sentimento nato. Eu nasci com esse dom de escrever [a referência ao dom]. Desde rapazinho, eu fazia quadras, essas coisas” (HENRIQUES NETO *apud* NASCIMENTO, 2014, p. 10).

As quadras às quais o nosso poeta faz referência constituem parte da métrica cordelística. São, portanto, as primeiras a serem produzidas ainda não adolescência. Estas quadras, todavia, deram-se a partir de um encontro do poeta com a expoente literatura de cordel naquela primeira metade do século XX. Disto, Antônio Henriques Neto nos diz:

Meu pai (...) vinha pras feiras aqui e comprava aqueles folhetos de cordéis e eu lia aquilo e gostava. É que o poeta da antiguidade foi o veículo de comunicação como hoje é o rádio e a televisão. Então eram eles quem contava aqueles casos da época (...) e escreviam histórias fictícias (...) muito bonitas, né?! Eu fui me apaixonando por aquilo. (HENRIQUES NETO *apud* NASCIMENTO, 2014, p. 10).

Do seu material de leitura, constavam os “folhetos de cordéis”, adquiridos pelo pai que vinha para as feiras da cidade. Daí, a poesia teria adentrado na vida do jovem Antônio Henriques Neto.

Um outro fator decisivo na vida e na obra deste poeta foi a profissão de caminhoneiro, exercida durante 48 anos, o que permitiu que não apenas o Nordeste, mas todo o Brasil fosse posto diante dos seus olhos (SILVEIRA *apud* NASCIMENTO, 2014, p. 13). Junte-se a tudo isso o convívio de Antônio Henriques Neto com aqueles a quem chama de “cidadãos mais velhos”, referindo-se à “gente simples”, “o matuto”, aquele sujeito que vive no Sertão e que

guarda uma certa simbiose com este espaço, um espaço que não é apenas geográfico, mas também simbólico, onde estariam o folclore e a tradição de todo um povo e de onde deveriam ser “resgatadas” e “preservadas” estas tradições e valores.

É disto, pois, que é feita grande parte da obra henriqueana, cuja personagem principal é o Sertão e do qual emergem tantas outras, sejam a fauna, a flora, o relevo e o próprio homem, sobre os quais já discorreremos em nossa dissertação (NASCIMENTO, 2014), temas vivenciados em sua infância, adolescência e vida adulta, rememorados e representados poeticamente.

DO CONTEXTO AO TEXTO: a infância henriqueana representada em sua poesia

A obra poética publicada de Antônio Henriques Neto é composta por 187 poemas, dispostos em três livros – *Poesias Dispersas* (1979), *Poesia, Folclore e Nordeste* (1985) e *Voz de um Homem Rude* (2001). De todos estes poemas, apenas “A Casa de Meus Avós” trata da infância do poeta. Sem mais delongas, vamos ao poema:

Pra que lutar como louco,
se o que é bom dura pouco,
dizer do antigo refrão.
Nascer, trabalhar e viver,
economizar e morrer
e só deixar recordação!

É nestes versos que venho
dizer a saudade que tenho
da casa de meus avós.
Casa cheia de alegria,
onde meu avô vivia
contando histórias a nós.

Homem bom, inteligente!
vivia constantemente,
lendo livros e jornais.
Tudo que lia gravava,
depois, tudo contava
com dados especiais.

Lembro a casa, o assoalho,
o barulho do chocalho
daquela vaca mansinha!
do pé de rainha do prado,
do alpendre e do gado
e do caixão de farinha.

Do pé de turco, o fatão,
visitas do louco João

à casa de meus avós.
Ainda recordo tudo,
do velho serrote agudo
e da cacimba dos mocós.

Lembro o rio em correnteza,
onde fazíamos represa
para depois arrombar
e vermos a água descer,
e nós, na frente, a correr,
saltando a gargalhar!

Lembro os tios solteiros,
alegres e presenteiros
enfeitando aquele lar!
Mas o tempo foi passando,
e o destino se encarregando
de tudo desmoronar.

Desdita de minha tia,
todo ano enlouquecia
até ser acorrentada.
Enforcou-se tio Ioiô,
depois morreu meu avô
enlutando a filharada!

Uma tarde, em certo dia,
um raio matou essa tia
e com ela uma sobrinha.
E tudo mudou de trilha,
dispersou-se a família
viver ali não convinha.

Tornou-se triste o Gravatá!
e hoje quem passa por lá
e contempla a tapera,
vê que nada mais existe
e como se tornou triste
tão alegre que ela era!

Quando vejo aquele chão,
chego a uma conclusão:
do quanto a vida é atroz
e medito mesmo pra mim:
Eis aí o tristonho fim,
da casa de meus avós!... (HENRIQUES NETO, 1979, p. 36 – 38).

Como podemos observar, trata-se de um poema constituído por onze estrofes de seis versos cada. Não apenas este, mas a grande maioria dos poemas henriqueanos traz uma versificação muito semelhante àquela praticada pela literatura de cordel.

Sabe-se que a versificação cordelística consiste basicamente de (a) sextilhas, dedicadas às narrativas, (b) setilhas, para os “fatos jornalísticos e (c) décimas, que servem às glosa e aos motes, semelhantes às cantorias (ABREU, 1999, p. 111). Como podemos observar, o poema em análise foi elaborado em sextilha. Daí, a nossa afirmação que se trata

de uma narrativa, não apenas pela sua forma, mas também pelo seu conteúdo, onde o poeta nos diz que “o tempo foi passando” e as coisas foram acontecendo numa temporalidade deterioradora.

Já nas primeiras estrofes, Antônio Henriques Neto nos dá o tom de seu poema: trata-se de um poema saudosista, no qual o narrador parte de um presente para um passado, acessado a partir de suas memórias, memórias estas que constituem os vestígios de seu passado no Gravatá.

Também no poema – mais precisamente na terceira estrofe – o poeta retoma aquilo que nos dizia de seu avô, quando nos concedeu entrevista. Caracterizado como um homem bom e inteligente, o velho Antônio Henriques é posto como aquele sujeito letrado, que lia livros e jornais e contava as histórias “com dados especiais”.

Nas estrofes seguintes, Antônio Henriques Neto traz à luz alguns dos elementos significativos de toda a sua obra, ligados eminentemente à vida sertaneja. Na descrição da casa, tem-se um retrato da cultura material sertaneja – o assoalho, o chocalho, o alpendre, o caixão de farinha – além das referências à fauna, à flora, o relevo, o rio, elementos estes que permeiam toda a obra henriqueana e que servem a um “resgate” poético das “coisas do sertão”, conforme já assinalamos (NASCIMENTO, 2014).

Da sétima à décima estrofe, tem-se a referência à família, tomada como núcleo agregador da vida naquela região sertaneja. Trata-se de uma família cujo patriarca é o velho Antônio Henriques e na qual estão agregados outros membros, especialmente os tios e tias.

Marcada por tragédias sucessivas – loucura de uma das tias, suicídio de um dos tios, morte do avô, morte de outra tia – a casa dos avós de Antônio Henriques Neto vai sendo abandonada e deteriora-se. O fim da casa é o fim de todo aquele estilo de vida que Antônio Henriques Neto levava no Sertão.

Resta-lhe apenas a rememoração, na qual ele acessa suas lembranças da casa de seus avós e, por extensão, do próprio Sertão. Nestes termos “A casa de meus avós” seria um microcosmos de toda a obra henriqueana, sendo nesta tem-se um olhar memorialístico para as “coisas do Sertão”, enquanto que naquele, busca uma representação dos tempos de menino, nos quais o poeta vivia feliz, na casa dos avós, no sítio Gravatá, no Sertão da Paraíba.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Letras do Brasil, 1999.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRITTO, Flávio André Alves; ARANHA, Gervácio Batista. Construindo Verdades Verossímeis a partir das Ficções: por uma hermenêutica histórico-literária. In: ARANHA, Gervácio Batista; FARIAS, Elton John da Silva. **Epistemologia, historiografia & linguagens**. Campina Grande: EDUFCG, 2013, p. 253 – 270.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

HENRIQUES NETO, Antônio. **Poesias Dispersas**. 1979.

_____. **Poesia, Folclore e Nordeste**. 1985.

_____. **Voz de um Homem Rude**. 2001.

LIMA, Marinalva Vilar de. **Loas que carpem**: a morte na literatura de cordel. Universidade de São Paulo – USP (Tese de doutoramento em História Social). São Paulo – SP, 2003.

NASCIMENTO, Paulo de Oliveira. **“Escutando a ‘Voz de um Homem Rude’”**: representações da cultura popular na obra de Antônio Henriques Neto. Universidade Federal de Campina Grande – UFCG (Dissertação de Mestrado em História). Campina Grande – PB, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2 ed. 2 reimp. Belo Horizonte: Antêntica, 2008.

REIS, José Carlos. **O Desafio Historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIBEIRO JÚNIOR, Halfer Carlos. **A leitura de Chartier do pensamento foucaultiano**. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0433.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2013.